

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

DISCUTINDO A IDENTIDADE REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

Giovana Mendes de Oliveira

Boletim Gaúcho de Geografia, 21: 154-156, ago., 1996.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38760/26375>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - ago., 1996

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A AGB tem promovido, através de seus encontros, muitas mudanças na forma de pensar e agir dos professores, mas infelizmente nada ela pode fazer com relação aos problemas dos nossos alunos. Assim, em minha opinião, o ensino crítico de geografia estará sempre comprometido, pois existe uma diferença muito grande entre a teoria da universidade e a prática em sala de aula nos primeiros e segundo graus. Para concluir gostaria de repetir uma pergunta feita por um grande autor conhecido dos geógrafos e professores de geografia: “Para onde vai o ensino de geografia?”

* Acadêmico do curso de Geografia da FURG / Co.aboradora: Profª Ieda Duval.

• • • • •

DISCUTINDO A IDENTIDADE REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

Giovana Mendes de Oliveira *

Este trabalho reflete sobre a identidade regional do Rio Grande do Sul que está alicerçada na figura do gaúcho da Campanha.

Hoje, se perguntarmos qual é o símbolo do Rio Grande do Sul, a resposta será tranqüilamente o gaúcho, mesmo sabendo que o gaúcho é uma figura que usa botas, bombachas e trabalha com a pecuária, que é realizada em determinado território do Estado, a Campanha.

Para entender sobre esta questão mais concretamente, podemos usar idéias do pensador italiano Antônio Gramsci.

Ele vai contribuir para a análise desta questão principalmente com o conceito de hegemonia, que é a divulgação da concepção de mundo de uma classe para as demais classes. Essa hegemonia é construída pelos intelectuais, que se apóiam em elementos da realidade e a elaboram na perspectiva da classe dominante para qual eles trabalham. Essa hegemonia é um sistema ideológico (entendendo ideologia como visão de mundo) que envolve o cidadão fazendo com que ele aceite esses fatos como naturais, sem importância e inquestionáveis.

Mas o que isto tem haver e com a identidade regional gaúcha?

A identidade regional gaúcha fundamenta-se em determinada área do Rio Grande do Sul, a Campanha, através da figura do gaúcho. Baseado nesse regionalismo a burguesia latifundiária tornou seus valores hegemônicos no Estado.

Na realidade, explorando a história, vamos verificar que o ideário gaúcho foi algo construído. E tal como nos diz Gramsci e outros autores, ele não é absolutamente irreal, ele está baseado em fatos existentes, mas foi elaborado segundo os

interesses da classe dominante. No passado realmente existiu uma figura que tinha as características do gaúcho, só que ao invés de ele ser o construtor do nosso Estado, ele era considerado vagabundo, criminoso, etc. Era uma figura marginal da sociedade da época. Isso podemos comprovar nos livros da época, como o de Dreys (1839). Neste livro o Rio Grande do Sul era terra de rio-grandenses e continentinos, não de gaúchos.

Mas essa incorporação do gaúcho a nossa cultura teve momento certo. Foi com a criação, por um grupo de intelectuais, do Partenon Literário. Nesse momento o gaúcho começa a ser ressaltado romanticamente e também vai se tornando, aos poucos, reforço da classe latifundiária do nosso Estado, construindo uma identidade que mais exclui do que inclui, como fala Oliven, pois a Campanha é apenas uma porção do nosso Estado.

Estas questões, embora tenham respaldo teórico, também foram objetos de análise prática, através de entrevistas em algumas áreas do interior do Rio Grande do Sul. Assim, foram feitas entrevistas em Bento Gonçalves, Harmonia, Bagé e Porto Alegre. As entrevistas foram do tipo não-diretivas.

Podemos observar que em Harmonia e Bento Gonçalves as pessoas tinham pouco a ver com este ideário, à exceção do chimarrão, que é um hábito indígena. Elas mais se identificavam com seus hábitos locais, ligados a uma cultura alemã e italiana, naturalmente. No entanto essas pessoas legitimam o gaúcho com símbolo do Estado. Há depoimentos bem interessantes que mostram como as pessoas vivem esta contradição, ou seja, vivem uma coisa, mas aceitam outra como sua identidade. Um exemplo claro disto é o de um homem que disse ter ido a São Paulo e feito churrasco, tocado músicas gauchescas, coisas que ele não fazia em sua cidade, Harmonia.

Em Porto Alegre as respostas foram muito parecidas. As pessoas tinham um cotidiano totalmente diferente de sua identidade, mas mesmo assim legitimam o ser gaúcho. Um depoimento interessante foi de um analista de sistemas. Ele foi para Brasília com a família. Lá todos começaram a cobrar dele os hábitos gaúchos que ele não tinha, o que fez com que ele se sentisse mal com a situação. De volta ao Rio Grande do Sul, ele achou melhor se inteirar mais desses hábitos.

Essas entrevistas deixam clara a ambigüidade ou contradição que vivemos e nem percebemos.

As entrevistas em Bagé tiveram um caráter diferente. Lá vimos aquela identidade que falam por aí. Até o próprio aspecto da cidade lembra a estância. Mas, mesmo assim, lá eles caracterizam o gaúcho como aquele que vive no campo, ou seja, não o coletivo das pessoas que vivem em Bagé.

Enfim, a identidade que temos e não questionamos, leva a uma legitimação do latifúndio. Sabemos da sua construção. Sabemos que isto funciona na cabeça das pessoas como uma contradição. Sabemos que isto historicamente serviu para a manutenção do poder do setor pecuarista do Estado. Agora resta saber de que forma isto tem servido *hoje* para aqueles que detêm o poder; para construir sua hegemonia.

* Professora na rede de ensino municipal de Porto Alegre / Esta comunicação representa uma síntese do trabalho "Identidade Regional: A diversidade na Unidade", que foi apresentado como Trabalho de Graduação para obtenção do título de bacharel em Geografia, sob orientação do professor Álvaro Luís Heidrich, do Curso de Geografia da UFRGS.

• • • • •

BINÔMIO ESCOLA-IGREJA TEUTO-EVANGÉLICO LUTERANO: UMA IDENTIDADE TERRITORIAL

Guilherme Reichwald Jr. *

Com a imigração teuta para o Brasil, a partir de 1824, não só etnicamente, mas também em termos de confissão religiosa cristã, o país passa a ter territórios construídos por novos referenciais da Europa. Pouco mais que a metade do contingente teuto-chegado no Brasil era protestante¹. Essa população, formada predominantemente por camponeses "expulsos" da Europa, conhecia um Estado-Nação fornecedor do aparato institucional tanto religioso como escolar. No novo país inexistia uma rede pública escolar, assim como ser protestante significava não ter direito à cidadania, pois o catolicismo romano era religião oficial. A igreja católica tem o papel de registrar nascimentos, casamentos e óbitos para o Estado². Os territórios produzidos e organizados pelos protestantes não podiam exteriorizar sua confessionalidade. O templo, por exemplo, não deveria parecer como tal, sendo proibido a torre e o sino³.

O imigrante teuto-evangélico chegou, então, a uma nova realidade onde igreja e escola, para existir, teriam que ser criadas pelo próprio grupo. A escola jamais é desassociada da igreja, uma vez que o saber ler é um dos princípios do "ethos" da reforma luterana do século XVI⁴. Na construção do espaço sagrado⁵ dos teuto-evangélicos não se separava escola e igreja. Um prédio de uso comum era construído para as duas atividades, assim como um dentre os colonos, nos primeiros tempos, era eleito para ser pastor-professor. Posteriormente, pessoas com formação exerciam as atividades de magistério e pastorado em íntima cooperação. Cabe lembrar que esse espaço sagrado inseria-se em um contexto rural, onde o papel da escola e o da igreja eram fundamentais na vida das comunidades em todos os aspectos. Nos anos 50 do nosso século, existiam aproximadamente quinhentas dessas escolas.

Com o processo de nacionalização de Getúlio Vargas (1938), que começou a organização de uma rede escolar pública, e, mais tarde, com a urbanização da população teuto-brasileira, sagrado e escola vão se separando, ou seja, construiu-se a divisão *PROFANO-SAGRADO*. Hoje restam pouco mais de 100 escolas, na sua maioria em cidades médias e grandes, polarizadoras regionais ou subregionais.

A escola teuto-evangélica luterana mudou de papel. A pesquisa em curso está